

ANTÓNIO FEIJÓ

CARTAS A LUÍS DE MAGALHÃES

Vol. I



BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



Título: Cartas a Luís de Magalhães
Vol. I

Autor: António Feijó

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Capa: fotografia de António Feijó
e Luís de Magalhães

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Dezembro de 2004

ISBN: 972-27-1140-7

Depósito legal: 219 043/04

APRESENTAÇÃO

Quando a Biblioteca Nacional adquiriu o espólio de Luís de Magalhães, a minha amiga e paladina de Antero, Ana Maria Almeida Martins, chamou-me insistentemente a atenção para a existência, neste espólio, de 739 cartas que António Feijó escreveu ao seu amigo Magalhães, e instou comigo para que as transcrevesse e as publicasse, o que agora faço, graças à Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Existem, também, no mesmo espólio as cartas de Magalhães para Feijó. Infelizmente, não posso publicá-las; não apenas — e seria suficiente — porque os anos que levo de vida já não são compatíveis com o esforço, como também a letra de Magalhães é de dificilíma decifração. Aliás, numa carta, adiante reproduzida, Feijó troça da caligrafia do amigo.

Parece estranho que neste espólio apareçam as cartas de Magalhães a Feijó. Julgo, porém, que a explicação será fácil. Sabe-se que os filhos de Feijó, depois da guerra de 14-18, trouxeram da Suécia e entregaram a Magalhães os originais de Sol de Inverno e de Novas Bailatas ⁽¹⁾, cuja publicação este promoveu. É natural que essas cartas viessem junto.

A amizade entre estes dois homens começou nos bancos da Faculdade de Direito — em data e lugar assinalados por Luís de Magalhães no prefácio, longo e sentido, que escreveu para a edição de Sol de Inverno — e durou até à morte de Feijó. Se entre eles se podem encontrar muitos pontos comuns — amor à literatura, interesse pela coisa pública e pelas pessoas —, muitos outros, nomeadamente políticos, os poderiam ter separado — mas nunca conseguiram.

⁽¹⁾ Prefácio de Luís de Magalhães in António Feijó, *Obras Completas*, Ed. Bertrand, s. d., p. 298.

Luís de Magalhães, filho do tribuno José Estêvão, senhor de uma bela propriedade num dos concelhos mais ricos do País — a Maia —, e António Feijó, oriundo de uma família com origens na Galiza e no Minho, família pouco abastada e de austeras tradições — aparentemente não haveria entre eles afinidade suficiente. Mas houve realmente e foi uma amizade para a vida.

Neste prefácio, que não quero longo, ocupar-me-ei sobretudo de Feijó tentando traçar-lhe um retrato, sabendo embora que o melhor retrato está na sua poesia — e nas suas cartas.

Natural de Ponte de Lima, onde nasceu em 1-6-1859, poeta e diplomata, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, tentou sem êxito nem grande vontade a advocacia, tendo optado pela carreira diplomática, que o levou sucessivamente, como Cônsul, a Pernambuco e Rio Grande do Sul, como Encarregado de Negócios à Suécia, Noruega e Dinamarca e como Ministro Plenipotenciário a esses países escandinavos.

Estreou-se como poeta em 1882, com uma recolha de versos escritos entre os 18 e os 23 anos, que intitulou Transfigurações, onde a última composição é um longo poema, «Sacerdus Magnys», com que Feijó participou nas comemorações do III Centenário da Morte de Camões, alto momento cívico no Portugal dos finais do século XIX.

Para além das Transfigurações, publicou ainda Líricas e Bucólicas (1884), À Janela do Ocidente (1885), Cancioneiro Chinês (1890), Ilha dos Amores (1897), Bailatas (1907), tendo traduzido do sueco A Viagem de Pedro Afortunado, de Strindberg, e Viagem em Portugal, de Carl Kuders.

Postumamente foram editados Sol de Inverno (1922) e Novas Bailatas (1926).

O seu carácter conciliava uma hipocondria patente com um espírito divertido, que o levou, por exemplo, a inventar a qua-

drilha de assassinos «Os carecas de Faldejães» ⁽²⁾. Bon vivant, também *Junqueiro e Eça* lhe chamavam o «opíparo Feijó». Aliás, com *Junqueiro*, escreveu um longo poema, divertida narração de uma excursão turístico-gastronómica de Viana a Valença do Minho ⁽³⁾, onde que é patente o seu gosto pela vida gozada a pleno.

A veia irónica e mordaz traduziu-se também nas duas recolhidas, *Bailatas e Novas Bailatas*, que assinou com o heterónimo *Ignácio de Abreu e Lima, Senhor de Agra de Freimas*. Prefiro heterónimo a pseudónimo, pois *Feijó* escolheu para este seu alter ego quase uma biografia no prefácio que escreveu para a primeira dessas obras.

A sua vida não foi fácil, já pela modéstia dos seus (os pais tiveram mais três filhos, um dos quais morreu já aluno da Universidade, outro formou-se em Direito e um terceiro abraçou a carreira militar, o que, naqueles tempos, como ainda agora, impunha pesados sacrifícios), como pela sua hipocondria, que lhe trazia períodos de profunda melancolia e agravava alguns problemas reais de saúde. O que não o impediu de ter as suas aventuras, de que há reflexos nestas cartas. Encontrou por fim, já na idade madura, o amor da sua vida na pessoa de uma belíssima senhora sueca — *Mercedes Joana Leuwen* — e a amargura terrível do seu desaparecimento prematuro.

Na sua poesia, passado o período juvenil, de nítida influência hugoliana, cedo descobriu *Baudelaire* e se aproximou dos poetas

⁽²⁾ A. Campos Matos, *O Mistério da Estrada de Ponte de Lima*, Ed. Livros Horizonte.

⁽³⁾ In *Obras Completas*, de *Junqueiro*, Ed. Lello, in fine. O poema intitula-se «Um Passeio Bucólico».

seus contemporâneos mais ou menos afins do Parnaso, onde se revia na tónica posta na perfeição formal, na economia do verso burilado até à exaustão, no labor constante na busca da expressão mais fiel aos sentimentos.

Conviveu com homens como Antero de Quental, Eça, Oliveira Martins, Ramalho, João Penha, ou, mais próximos da sua idade, como Junqueiro, Eugénio de Castro, Luís Osório. Na ocasião em que Oliveira Martins abraçou a política activa, tanto Feijó como Magalhães lhe deram amplo apoio, nomeadamente escrevendo na Província. Também politicou em Ponte de Lima com seu irmão Joaquim.

Nestas cartas encontram-se apreciações das obras de vários escritores seus contemporâneos, algumas extremamente pertinentes e lúcidas. Estranhamente, se pensarmos que estamos a falar de um poeta de rara sensibilidade, Feijó manifesta incompreensão no que toca a dois poetas maiores da nossa literatura: António Nobre e Cesário Verde. Creio este facto tanto mais estranho quanto me parece certa a abertura de espírito de Feijó — que conhecia a poesia não só de língua francesa (como então e até há bem pouco tempo era normal em Portugal) mas também de língua inglesa e manifestava uma grande abertura a outras culturas, como ficou patente nas suas traduções de poesia chinesa a partir da obra de Judite Gautier⁽⁴⁾, O Cancioneiro Chinês. Da mesma versão se serviu Machado de Assis e se compararmos as duas, a de Feijó e a do grande escritor brasileiro, logo salta à vista quanto mais justa, requintada e fluente é a do nosso poeta.

⁽⁴⁾ Manuela Delgado Leão Ramos, *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*, ed. Fundação Oriente, 2001.

Uma investigadora francesa escreveu, a propósito da obra de dois escritores, Semprun e Primo Levi, que estes transformaram o testemunho em obra de arte. Creio sinceramente que o mesmo se pode dizer acerca destas cartas. Algumas são perfeitas obras-primas, como aquela, cheia de verve e de ironia, em que descreve a implantação da República no Brasil (a que assistiu pessoalmente), ou aquelas em que continuamente previne Luís de Magalhães, então membro do Governo — Ministro dos Negócios Estrangeiros —, de que a política de João Franco terminaria numa tragédia (29-12-1906). Noutras, relatando acontecimentos da chamada «sociedade», dá-nos um retrato de Paiva Couceiro na sua truculência juvenil. É toda a vida do seu tempo, do centenário de Camões ao Regicídio, da despreocupada juventude à República e até à Revolução Russa de Fevereiro, que estas cartas testemunham e comentam.

E os países onde viveu, as cidades, Estocolmo, Rio, Oslo, Copenhaga — e a ruralidade de Ponte de Lima ou de Vilar, Sintra — tão bela e tão suja aos olhos de um homem já habituado ao rigor nórdico. É também a sua vida que elas espelham. Das suas alegrias — quase sempre breves — à imensa tristeza nos tempos finais da doença da mulher e, depois da morte desta, do pouco tempo que lhe restou viver.

Também no que respeita à sua poesia elas oferecem largo campo de pesquisa, pela indicação de poemas não recolhidos nas Obras Completas, dispersos por jornais de província, que, infelizmente, não me foi possível consultar. Mas tendo em vista uma futura edição da Poesia Completa de António Feijó, que tarda, os elementos aqui apresentados serão de extrema utilidade.

Amargurado de saudades da sua terra, a que a Primeira Grande Guerra o não deixou voltar, nos seus últimos anos, terminou em Estocolmo, no dia 21-9-1917, uma vida em que serviu as Letras e o seu país com inteireza e lealdade.

Estas cartas apresentam-se como uma crónica dos anos que viveu e são também — e isto não será o menos importante — o testemunho de uma fidelidade e de uma amizade que nem os anos nem a distância conseguiram apagar.

Recolhidas nesta edição, são todas elas inéditas, com as seguintes excepções: carta sobre a pretensão de uma escritora portuguesa (?) ao Prémio Nobel da Literatura de 1907, publicada por Ana Maria Almeida Martins no Jornal de Letras, de Lisboa, em 26-3-1988; três cartas de 1905, todas fazendo referência ao livro Bailatas, que publiquei na Revista da Biblioteca Nacional, de 1991; carta sobre o Regicídio, igualmente por mim publicada no Diário de Notícias, de 4-2-1990; cartas de 28-7-1886, 7-10-1912, 17-10-1915 e 26-1-1917, inseridas por A. Campos Matos no livro O Mistério da Estrada de Ponte de Lima.

Agradeço a Ana Maria Almeida Martins todo o incentivo que me deu e todo o trabalho que teve para me fazer levar esta recolha a bom porto. Agradeço ao Dr. Braz de Oliveira as facilidades que me concedeu na consulta do espólio de Luís de Magalhães, onde estas cartas se conservam. Agradeço a Maria José Marinho, Pedro da Silveira, Júlia Ordorica, Manuela Rêgo, Manuela Vasconcelos e Helena Arjones as ajudas que me deram para decifrar uma ou outra frase ou palavra de leitura mais difícil. E, last but not least, agradeço a minha mulher a paciência com que leu e releu as páginas dactilografadas por mim à procura de eventuais erros.

RUI FEIJÓ

*Cartas
anteriores a 1884*

Amicus

Parabéns ao José Estêvão ⁽¹⁾ e um abraço para ti. Estimei imenso que teu irmão volteiro guitarreasse um aprovo. Nem posso resistir à tentação de lhe enviar um abraço.

E como vai a maré de felicitações das também ao Leopoldo ⁽²⁾ quando lhe escreveres, e diz-lhe que em Outubro lhas farei sentir pessoalmente... nas canelas. Agradeço a diligência com que procuraste satisfazer os meus pedidos e espero que te não esquecerás da ocasião propícia para lhes dares expediente. E aqui aos muitos pedidos que te fiz vou enumerar mais um. Quero que me envies a *Revista de Coimbra* porque o Ávila ⁽³⁾ não sabe decerto o ponto geográfico onde o pobre Feijó passeia as suas hipocondrias maciças. Agora convém abrir mão do assunto e entrarmos em cavaqueira mais importante.

Disse-me aqui o Sebastião Sanhudo ⁽⁴⁾... Mas antes diz ao Luís Gaio que o meu desejo era dar-lhe um abraço de tal ordem que lhe endireitasse para sempre a coluna dorsal. — Disse-me pois o Sebastião Sanhudo, caricaturista e redactor do *Sorvete*, que o Camilo ia retirar a *remissa*, que tombou com pouco estrondo e nenhum dano, sobre a cabeça do Luís Gaio ⁽⁵⁾. Não sei o que haverá de verdade, mas o silêncio Camiliano com referência ao Gaio leva-nos a acreditar na afirmação do Sanhudo. Ele ouviu mesmo dizer ao Camilo ou ao Chardron ⁽⁶⁾ o que quer que fosse acerca do Luís. Veremos o que sucede. O homem anda furioso com os críticos do *Cancioneiro* ⁽⁷⁾ especialmente com as brasílias. Lê o último n.º da Bibliografia do Chardron. Se a não tens envia-ta. Verás o que o Camilo diz ao Sr. Pina ⁽⁸⁾ em duas doses cheias de chalaça e que hão-

-de esmar por esta frase pouco mais ou menos: Você é um burro. Hás-de rir com vontade, quase a escangalhar as arcas do peito.

Diz ao Gaio ⁽⁹⁾ que me é impossível ir a Braga nesta ocasião. Que nos veremos em Outubro ou mais cedo ainda. E no entanto vai-lhe tu dando meia dúzia de abraços por minha conta.

Recomenda-me à Ex.^{ma} Sr.^a D. Rita ⁽¹⁰⁾ e tu manda o

Teu velho amigo
A. Feijó

P. S. Um aperto de mão ao José Estêvão, Alexandre de Resende ⁽¹¹⁾, etc.

[2]

[12 de Agosto de 1879]

Meu caro Luís

A tua deixou-me estúpido de admiração e pasmo. Não pelo que me contas, mas sim pelo que me perguntas. Luís: cometeste uma abominação monstruosa, que nunca te perdorei, quando me dizes se também tenho lido Comte. Sabes perfeitamente que o odeio com áscuas dum rancor inquebrantável, todas as retóricas: — a oficial e a da moda. O positivismo, — a irmandade do Bom Jesus — e a retórica da Moda. Arrojei-o, cheio de nobilíssimo desprezo, para o resulho pedregoso onde pastam as vulgaridades.

Confrades do Senhor do Monte não tolero — os membros do Elogio Mútuo Coimbrão, acentuadamente representado pelo Aristides ⁽¹⁾, por ti e pelo Plebe. O Botelho ⁽²⁾ se chega das ilhas a impar de bananas e de leis empíricas, que tudo é a mesma coisa, hei-de propinquare-lhe ácido prússico, extraído de versos de Baudelaire e Musset.

Se o remédio não produzir efeito, chorarei amargamente o apóstata, o trânsfuga das fileiras do Belo, que foi *épanouir la rate*, no manancial das mesquinhezas utilitárias.

Dou-te sinceros parabéns pelo resultado dos *actos* de teu irmão, e fico ansioso esperando pela visita do teu livro.

ÍNDICE

Apresentação, por RUI FELJÓ	7
CARTAS ANTERIORES A 1884	13
CARTAS DE 1884 A 1900	41
1884	43
1885	79
1886	125
1887	160
1888	183
1889	211
1890	223
1891	243
1892	293
1893	302
1894	317
1895	329
1896	352
1897	375
1898	399
1899	419
1900	438
Notas	469

Acabou de imprimir-se
em Dezembro de dois mil e quatro.

Edição n.º 1005842

www.incm.pt
E-mail: dco@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br